

Mula-Marmela e Rosa Caramela: a constituição da voz narrativa

Mula Marmela and Rosa Caramela: the constitution of the narrative voice

Carlos Vinícius Teixeira Palhares *

Resumo

O objetivo deste trabalho é fazer um estudo comparativo acerca das personagens principais dos contos “A Benfazeja”, do livro **Primeiras estórias**, de Guimarães Rosa e de “A Rosa Caramela”, publicado no livro **Cada homem é uma raça**, do escritor moçambicano Mia Couto. Mula-Marmela remete à protagonista, que livra o povo de um mal que pesa sobre o lugarejo. Já Rosa Caramela é uma personagem diferente, pois age de uma maneira excêntrica e é excluída da comunidade onde reside. Busca-se a articulação entre elas pela presença nos lugares onde vivem destacando-as pelas suas diferenças, enfatizando o narrador e a construção narrativa.

Palavras-chave: Personagem; Mula-Marmela; Rosa Caramela; Narrativa; Guimarães Rosa; Mia Couto.

Caracterizados pela reinvenção da linguagem e por preservarem uma visão de mundo não convencional em seus escritos, Guimarães Rosa e Mia Couto, nos contos “Benfazeja” e “Rosa Caramela”, fazem da combinação de elementos de culturas distintas um ponto de semelhança entre as protagonistas dos contos a serem debatidos neste presente artigo. A narrativa de Mula-

* Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas.

Marmela, a qual é a Benfazeja, apresenta uma mulher que é casada com um homem de condição estável, temido pela população local, e morto pela própria esposa. No plano narrativo, o narrador relata a história dessa mulher que é posta em foco, pela sociedade, que sempre parece disposta a julgá-la e que perambula pelo espaço com seu enteado cego, Retrupé, o qual também sofre a cegueira pelas mãos de Mula-Marmela. Devido a esse comportamento com as pessoas próximas a ela, Mula-Marmela é caracterizada como “mulher malandraja, suja de si, abominada” (ROSA, 1988, p.113) e fica à margem da sociedade onde habita. No plano da enunciação, o conto é narrado em busca de sensibilizar o narratário para que entenda o lado dessa mulher e sua ambiguidade, a qual mata o marido e cega o enteado, motivo pelo qual se torna marginalizada. Pois, a atitude de matar e cegar são recrimináveis diante dos padrões morais da sociedade local, assim se torna guia do enteado cego e, como tal, uma andarilha que erra pela cidade, permanecendo, ainda neste caso, à margem da sociedade, com o estigma de assassina que carrega. E o conto leva ao leitor uma reflexão crítica sobre julgar o outro pela sua diferença e por romper com o dualismo que aprisiona o homem contemporâneo.

Já em “Rosa Caramela” de Mia Couto, a protagonista é a que dá nome ao conto e este lhe é dado pelo povo. Com os sentimentos feridos desde o abandono do noivo no dia de seu casamento, a protagonista é excluída pela comunidade do lugar onde habita, e perambula pelo espaço sem ter nenhuma companhia humana. Por ser só, cria laços com os elementos de pedra, enamorando-se de uma estátua de um colonialista português. O elemento mineral corresponde com a vida de Rosa, após seu casamento frustrado. Suas atitudes em relação aos seres humanos são mudadas de percepção, e os objetos minerais começam a ter sentidos mais profundos em sua vida. Ela é uma andarilha que anda de um lado para o outro, um ser errante, e se assemelha às estátuas no espaço da narrativa pela suposta falta de sentimento, tamanha era a sua exclusão pelo povo do lugar:

Dela se sabia quase pouco. Se conhecia assim, corcunda-marreca, desde menina. Lhe chamávamos Rosa Caramela. Era dessas que se põe outro nome. Aquele que tinha, de seu natural, não servia. Rebaptizada, parecia mais a jeito de ser do mundo. Dela nem queríamos aceitar parecenças. Era a Rosa. Subtítulo: a Caramela. E ríamos. (COUTO, 1998, p. 15)

O presente artigo propõe-se investigar as vozes narrativas de ambos os contos e as personagens singulares que são Mula-Marmela e Rosa Caramela. Estas são discriminadas pela população, no espaço da narrativa, por terem hábitos considerados fora da realidade e serem julgadas como figuras estranhas no ambiente em que vivem. Mula-Marmela se insere no “sertão” rosiano e expõe os acontecimentos marcantes de uma comunidade pequena. O narrador não determina o local, pois em todos os lugares na narrativa percebe-se a imprecisão do espaço e destaca-se a natureza atemporal da narrativa. Há o tempo passado, correspondente à época na qual viveram Retrupé e Mula-Marmela, que é rememorado no presente, fazendo com que o narrador, em 1ª pessoa retroceda a esse tempo:

Lembre-se bem, façam um esforço. (ROSA, 1988, p.114)

E, nunca se esqueçam, tomem na lembrança, narrem aos seus filhos, havidos ou vindouros, o que vocês viram com esses seus olhos terrorosos, e não souberam impedir, nem compreender, nem agradecer. (ROSA, 1988, p. 121)

Rosa Caramela reside no espaço africano marcado pela problemática da colonização recente e seu legado negativo que perdura nos sentimentos das pessoas, assim é excluída pela população onde vive por não apresentar padrões convencionais de comportamento e ser miscigenada. É o narrador menino que é o contador da história e quer prender, de todas as maneiras, os seus “ouvintes-leitores”. Para Walter Benjamim, o narrador é aquele que viveu uma determinada experiência e que se dispõe a contá-la a seus ouvintes. O narrador está o tempo todo a contar os episódios vivenciados por Rosa Caramela e faz que a narrativa abra espaço para várias interpretações

indefinidas no conto. O narrador é, acima de tudo, o porta-voz dos valores de uma causa local e, nessa perspectiva, o articulador de uma história que se entrecruza com a identidade de Rosa e a situação que vive Moçambique no pós-independência, onde tudo que remete ao mundo colonial devia ser desprezado pela população. José Miguel de Souza Lopez (2004) argumenta a situação de Moçambique pós-colonial:

Podemos perguntar-nos, apesar de tudo, em que medida o desaparecimento da dialética colonial e a passagem à situação de hibridiz pós-colonialista marca um movimento de liberação e em que medida essa passagem desemboca em uma forma não dialética de dominação e controle, não menos severa ou estável que aquela que veio a substituir. (LOPEZ, 2004, p.104)

Rosa, por ser excluída, gasta seu tempo com as estátuas que são personificadas por ela e escolhe sua favorita, a do monumento de um colonizador português. Com este ato, podemos pensar em três fatores. O primeiro refere-se ao saudosismo do tempo colonial, no qual ela era uma figura com tratamento normal. O segundo refere-se à demonstração de protesto com o qual a população a trata, com indiferenças e preconceitos, pois venerar o colono significa ir contra os padrões normais de uma sociedade pós-colonial que tem a defesa da independência como uma honra. Mesmo com o processo de independência oficialmente acabado, as atitudes do governo provisório em romper com tudo que remete ao passado colonial passa do nível pessoal para o coletivo, assim as feridas coloniais continuam a perturbar na mente revolucionária a ponto de os monumentos coloniais serem derrubados por milícias locais. Mario Pinto de Andrade (1997) nos expõe como a colonização é sentida pelas pessoas:

O campo de exercício da colonização é, por necessidade intrínseca, gerador de conflitos. Tal estado de permanente conflitualidade resulta da própria essência da situação colonial que, enquanto totalidade, espelha a complexa confrontação entre a minoria alógena e a maioria autóctone. (ANDRADE, 1997, p. 21)

E terceiro, pode-se relacionar à figura do noivo desaparecido na hora da cerimônia com a veneração da estátua de um homem. Até que é presa por este ato, e instaura uma problemática por razões políticas, como define Bidinoto (2004);

Numa paranóia que faz ver inimigos em criaturas inofensivas, os responsáveis pela segurança da nação fazem de tudo na tentativa de apagar qualquer vestígio da presença do colonizador (BIDINOTO, 2004, p. 55)

O narrador constrói Rosa Caramela como a mulher cuja desgraça já começa pelo fato de ser fruto da miscigenação, gerando assim sentimentos de exclusão e adversidade nas pessoas que acham que ela não pertence ao espaço africano. E por ser excluída pela população, todo gesto estranho vindo dela não se gerava surpresas, sabia-se somente o fato de ser abandonada pelo noivo no altar, como se vê no seguinte fragmento:

De Rosa Caramela, afinal, não se procurava explicação. Só um motivo se contava: certa vez, Rosa ficara de flores na mão, suspensa à entrada da igreja. O noivo, esse que havia, demorou de vir. Demorou tanto que nunca veio. (COUTO, 1998, p.16)

Numa terra devastada de conflitos, Rosa Caramela não é isenta do olhar irônico do narrador, que através da repetição de sua descrição, faz a crítica ao sistema imitado, com a alienação do indivíduo frente à sociedade que ignora a natureza e valores destas pessoas que vivem à margem desta. A combinação de elementos de culturas diversas que faz parte do mosaico étnico de Moçambique produz o discurso da diferença cultural presente no conto. Sobre esse movimento textual, Bhabha define;

Reconstituir o discurso da diferença cultural exige não apenas uma mudança de conteúdos e símbolos culturais; uma substituição dentro da mesma moldura temporal de representação nunca é adequada. Isso demanda uma revisão radical da temporalidade social na qual histórias emergentes possam ser escritas. (BHABHA, 1998, p.240)

A condição de errância é estabelecida no conto. Rosa, como mestiça, é denominada anormal pela sociedade por cultuar a imagem da estátua colonial. Assim, é internada e desprezada em todos os níveis humanos, rompendo todo seu nível de comunicação com as pessoas. Interessante é que o narrador não especifica quem foram essas pessoas que a internaram, mas percebe-se o total apoio popular. Com este desprezo do povo, ela se ocupa com as estátuas, que são personificadas por ela e sua relação com o mundo mineral se torna forte. Por conta da estátua favorita, que é a do colonialista, ela acaba sendo presa por remeter ao passado negativo da época de Moçambique como colônia: “Seu único delito: venerar um colonialista. O chefe das milícias atribuiu à sentença: saudosismo do passado” (COUTO, p.19, 1998).

O narrador é também um personagem da história e compartilha as mesmas ideias que as pessoas têm sobre Rosa Caramela, e mostra que somente seu pai manifesta opinião diferente sobre ela: “Dividíamos os risos. Todos, excepto meu pai. Sobejava intacto, grave.” (COUTO, p.18,1998)

Juca, o pai do narrador, é também uma figura imóvel no conto, e se aproxima das estátuas cultuadas por Rosa, por também não ser capaz de oferecer o amor desejado por ela.

Já em “A Benfazeja” a narrativa é descrita a partir da complacência do narrador: Mula Marmela é uma personagem que mata e ama. O narrador é profundamente solidário em relação à Mula Marmela, por isso condena o povo que a despreza e hostiliza, embora suas ações sejam em prol da população, livrando-a das malvadezas do marido e de seu filho. Os narradores de ambos os contos são observadores, por isso inferem os sentimentos das personagens e sugerem-nos para seus interlocutores. É assim que as histórias vão se entrelaçando e gerando um sentido, não apenas para os enredos dos contos, como também para a vida daqueles personagens. Os protagonistas dos contos se inserem na temática existencial, de reflexão filosófica, expandindo as dimensões regionalistas. Elas são observadas como objetos da curiosidade

popular, e tem esta diferença como revestida de preconceito e de interpretações diversas por parte da população. Toda a narração está mesclada de elementos que permitem ao leitor construir os enredos, com vias possíveis para o encontro e o diálogo com o mundo onde vivemos. É importante perceber este entrecruzamento de narrativas, astuciosamente elaboradas na constituição destes contos que tem o poder de trazer à tona a realidade de pessoas discriminadas, e, conseqüentemente, tem o poder de estabelecer uma tentativa de esperança e de reconstrução para esta gente.

Mula-Marmela e Rosa Caramela são personagens que ficam entre o não lugar no espaço da narrativa, porque ambas não tem raça, uma família devido a seus traços físicos e pelo comportamento diferente da população em relação a elas. Ambas são excluídas do grupo social, tendo somente a solidão e o desprezo das fronteiras da razão convencional. São também as vivências das duas personagens que apontam caminhos como esperança e salvação para poderem enfrentar momentos de adversidade. A enunciação dos contos instiga o leitor a uma reflexão crítica, e há uma intensa carga reflexiva, como em a “Benfazeja”: “A cor do carvão é um mistério; a gente pensa que ele é preto ou branco” (ROSA, 1988, p. 117).

E também em “Rosa Caramela”: “Ou fosse de sua intenção apenas a tristeza. Porque lhe escutei chorar, num murmúrio de águas escuras. A corcunda se derramava, parecia era vez dela se estatuar. Me infindei, nessa viagem” (COUTO, 1998, p.23).

As escritas são fluídas e, ao mesmo tempo, cheias de densidade humana. Por isso, o narrador de “A Benfazeja” cobra do povo solidariedade e reconhecimento em relação à personagem central, por não ser tratada como pessoa normal. Nota-se uma simetria entre o narrador e a personagem, Mula Marmela, por esta estar à margem do normal da sociedade. Como era: “Sei que não atentaram na mulher... a gente não revê os que não valem a pena... Eu indaguei. Sou de fora” (ROSA, p.113, 1988).

Em Rosa Caramela, há a surpresa no final do conto por saber que o pai,

homem de poucas palavras e sempre quieto e incomodado sobre a história de Rosa Caramela, é o provocador de todas as adversidades na vida de Rosa. Como a população local, ele se afasta dela para não sofrer represália sobre casar-se com uma mestiça no momento em que a independência já é uma realidade. Mas, observamos que ele é uma figura que não emite opinião, sempre está parado em seu lugar de trabalho, que apenas sabia notícias através do seu irmão e fica constantemente incomodado quando se fala de Rosa. A figura dele remete à imagem da estátua que tanto é apreciada pela personagem central desde o abandono que ela sofre no altar. Porém, o pai se redime no final do conto ao ouvir Rosa balbuciando em sua varanda. Foram embora daquele lugar em busca de uma nova vida, e constatamos que era o que Rosa esperava durante toda a sua vida: “Aos poucos, Rosa Caramela se irrealizou. Ela nunca tanto existira, nenhuma estátua lhe merecera tantos olhos” (COUTO, p.24, 1998).

Entra à complexa, delicada e profunda questão dos laços de família pelo narrador. Amor e culpa se misturam pela figura do pai e geram a compreensão do narrador. Nessa perspectiva, a narrativa oscila entre a história que o narrador conta e as histórias que o leitor capta. O narrador é o porta-voz do valor de uma causa local, como também, o personagem quem se insere na história.

A reflexão toma forma durante a narrativa, que reconstitui a atividade poética e permite intuir o sentimento trágico da vida, de uma elevação desconhecida, e engloba também a consciência indestrutível do ser sofredor. Os contos indicam um olhar dentro e fora da narrativa. *Mula-Marmela* e *Rosa Caramela* apresentam sentimentos incomuns, porque mesmo vivendo excluídas de um povo, obtêm o amor e a esperança em dias melhores. Fica a dúvida, por que julgá-las sob a aparência de pessoas diferentes no espaço da narrativa.

Os narradores estão em 1ª pessoa e às vezes oscilam entre a 3ª pessoa, com falas de outros personagens da história. Ambos são espectadores

curiosos dos acontecimentos da narrativa, e tomam partido de várias situações ao longo da história. O narrador de “A Benfazeja” é solidário, enquanto, o de “Rosa Caramela” é complacente com a população, mas compreende o ato de seu pai no final.

Sei que vocês não se interessam nulo por ela, não reparam como essa mulher anda, e sente, e vive e faz... (ROSA, 1988, p.115).

Da nossa varanda lhe víamos, nós, sob o zinco, em nossa casa de madeira. Meu pai, sobretudo, lhe via. Calava-se em si, todo. Era a loucura da corcunda que fazia voar nossos juízos? (COUTO, 1998, p.18).

O tempo não se especifica, destacando-se a natureza atemporal da narrativa. Há o tempo passado e está no fluxo da recordação dos narradores, os quais narram linearmente histórias que conhecem bem. Temos então que, nas narrativas de Guimarães Rosa e Mia Couto, a construção textual constitui-se num jogo de recursos e técnicas entre as diversas possibilidades de expressões artísticas. Constroem suas narrativas pela necessidade de repensar os excluídos de uma população que, há muito, habitam a incerteza de uma vida sem preconceitos.

Com uma linguagem, imaginação e trama muito peculiar, percebemos a aproximação de Mia Couto com o universo de Rosa na combinação de elementos de culturas diversas e na possibilidade de várias interpretações, provocando no leitor um mergulho profundo nessas histórias complexas, que excedem a dialética racional das coisas. Por isso, para além das situações e das personagens, dos locais e do cruzamento temporal, a fala dos narradores é motivo de leitura e investigação por parte do leitor.

Abstract

The objective from this article is to make a comparative study about the main characters from the tales “A Benfazeja”, from the book *Primeiras histórias* of Guimarães Rosa and “A Rosa Caramela”, published in the book *Cada homem é uma raça*, of Mozambican writer Mia Couto. Mula-Marmela refers to the main protagonist and her mission is to help the people of the village

get rid of evil that can affect them. Yet she is a different character, as she acts in an eccentric way and is excluded from the community where she resides. We intend to analyze the articulation among them from the structural point of view, emphasizing the narrator and narrative construction.

Key words: Character; Mula-Marmela; Rosa Caramela; Narrative; Guimarães Rosa; Mia Couto.

Referências

ANDRADE, Mario de. **Origens do nacionalismo africano**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-211.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIDINOTO, Alcione Manzoni. **História e mito em Cada homem é uma raça, de Mia Couto**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2004. Dissertação de mestrado.

COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça**. Lisboa: Caminho, 1990.

LOPES, José de Souza Miguel. **Cultura acústica e letramento em Moçambique**: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural. São Paulo: Educ, 2004.

ROSA, Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.